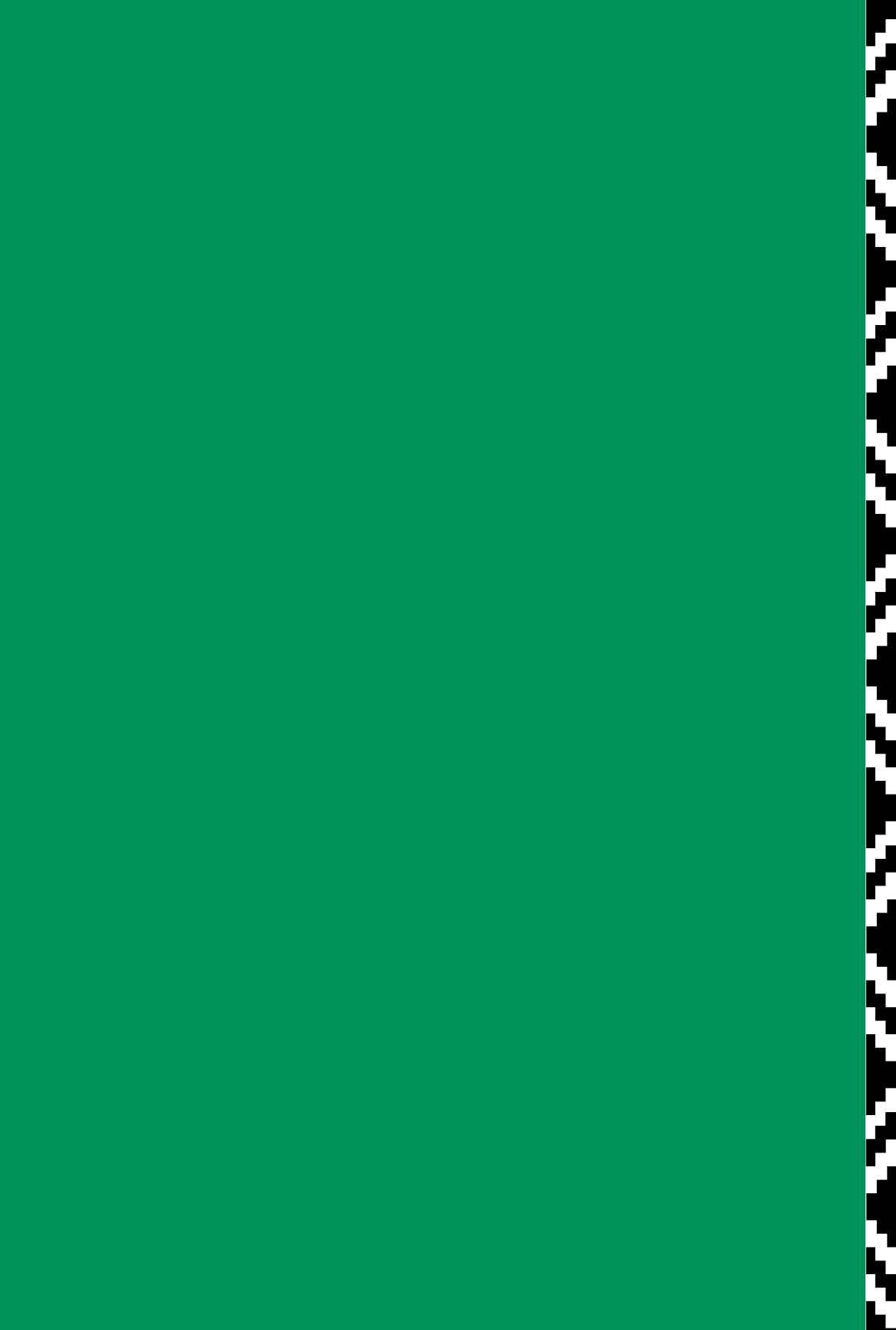


A person with dark hair in a braid, wearing a floral-patterned shirt, is seen from behind, reaching up with their right hand towards a wall. The wall is made of a rough, textured material, possibly mud or plaster, and is illuminated by several small, warm-toned lights. The lighting creates a warm, intimate atmosphere. The person's left hand is also visible, resting on the wall. The overall scene suggests a moment of connection or exploration within a rustic or traditional setting.

NHANDE KUERY
SÃO PAULO PYGUA



































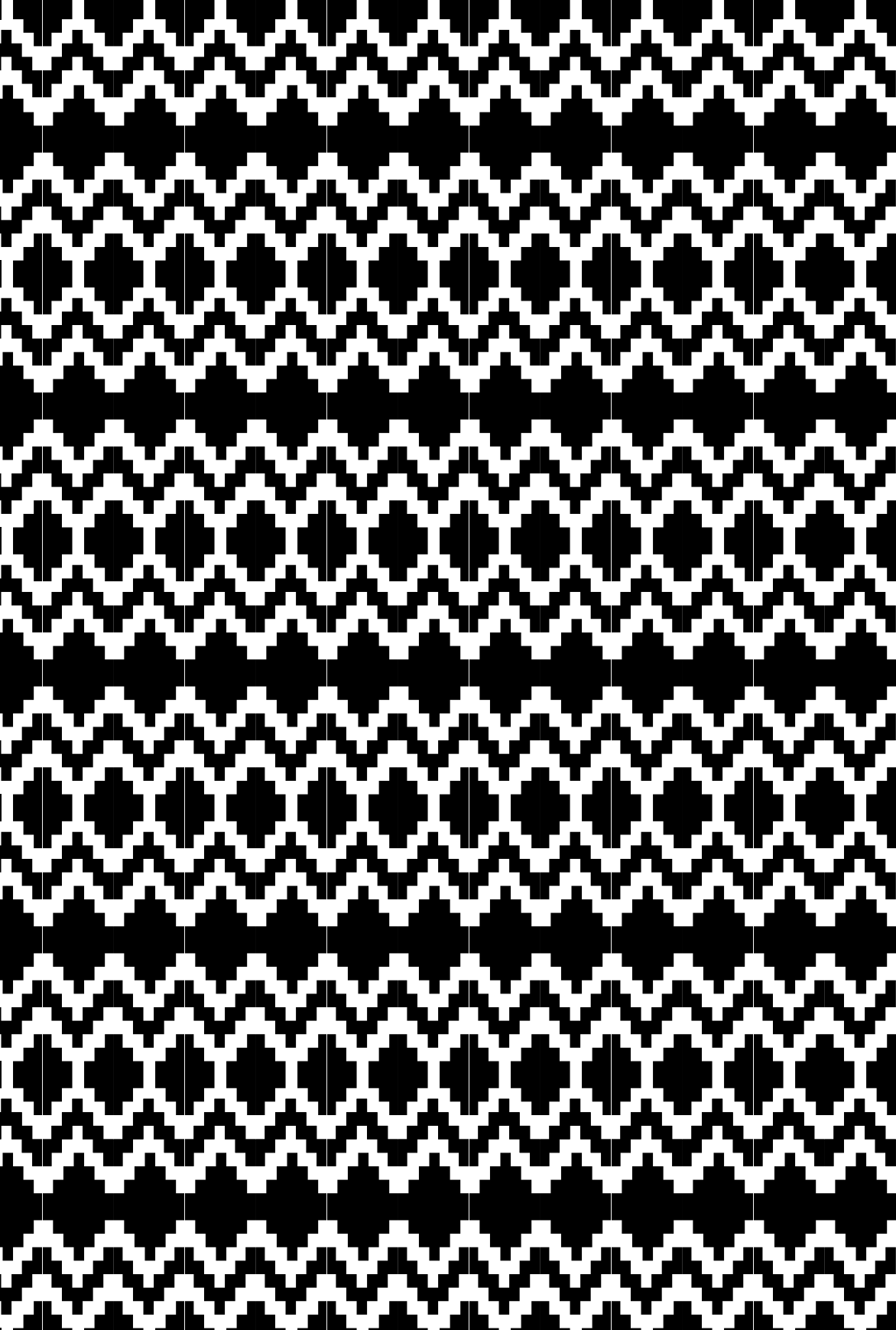












NHANDE KUERY
SÃO PAULO PYGUA

10 ANOS DE
PROGRAMA
ALDEIAS GUARANI

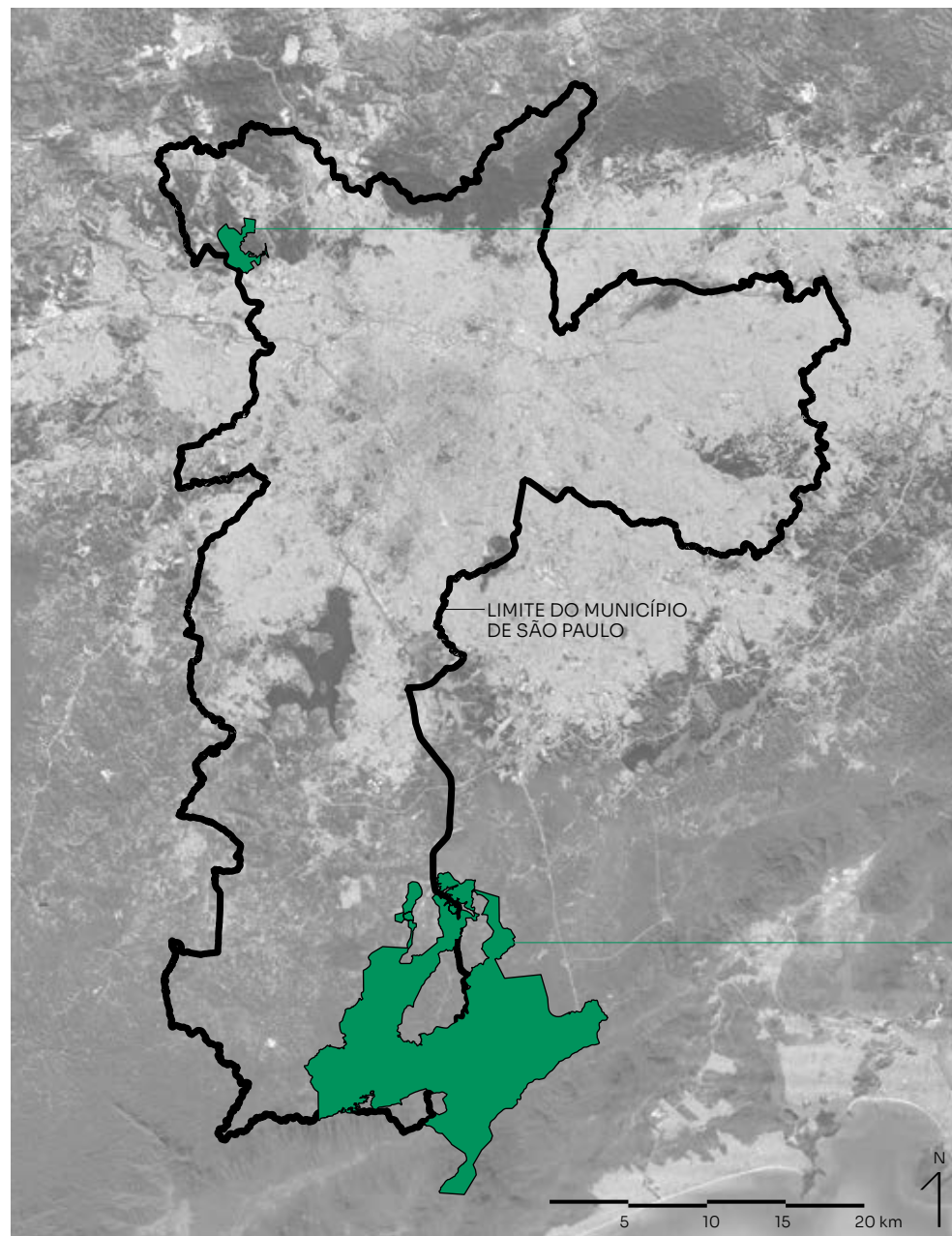
48	INTRODUÇÃO	84	OPY REKO – FORTALECIMENTO DOS RITUAIS E SABERES TRADICIONAIS
49	O POVO GUARANI E AS ALDEIAS DE SÃO PAULO		
53	FUMO E ERVA MATE: O SURGIMENTO DO PROGRAMA ALDEIAS	85	APOIO E FORTALECIMENTO DA CASA DE REZA (OPY)
60	NÚMEROS DO PROGRAMA	89	NHEMONGARAI
62	MOMENTOS MARCANTES	90	CONSTRUÇÕES DE ESPAÇOS COLETIVOS
64	ALIMENTAÇÃO TRADICIONAL E CONSERVAÇÃO DA YVYRUPA	93	INTERCÂMBIOS
65	PLANTIO	95	ENCONTROS
67	RECUPERAÇÃO DE ÁREAS DEGRADADAS	98	AÇÃO ENTRE DOIS MUNDOS
70	REFLORESTAMENTO E MANEJO AMBIENTAL	99	TURISMO
75	CAPTAÇÃO DE ÁGUA	101	AUDIOVISUAL E REDES SOCIAIS
76	SANEAMENTO ECOLÓGICO	104	PRODUTOS E EVENTOS
79	ABELHAS	106	PERSPECTIVAS

INTRODUÇÃO

O POVO GUARANI E AS ALDEIAS DE SÃO PAULO

O povo Guarani vive em aldeias localizadas no litoral brasileiro, do Espírito Santo até o Rio Grande do Sul, no interior dos estados de Santa Catarina, Paraná e São Paulo, assim como no sul do Mato Grosso do Sul. Algumas poucas se localizam nos estados do Pará e Tocantins. Os Guarani estão presentes também no Uruguai, Argentina, Paraguai e Bolívia. São centenas de comunidades articuladas há séculos, desde muito antes da existência dos Estados nacionais, conectadas em uma rede dinâmica de laços de parentesco e aliança.

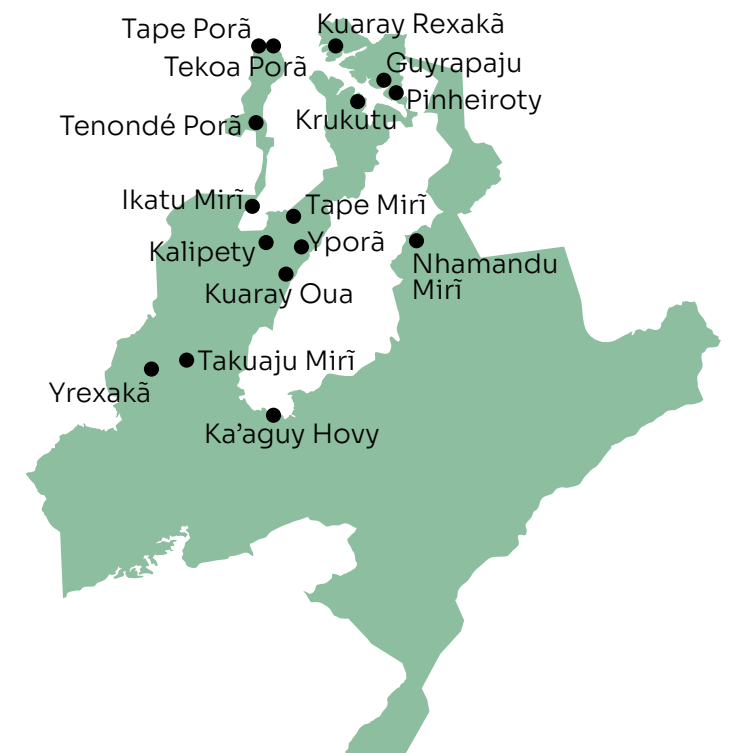
O vasto território guarani - chamado de **yvyrupa** - coincide em grande parte com a área de incidência do bioma Mata Atlântica, amplamente devastado ao longo dos últimos séculos pelo avanço das cidades. Este avanço se deu, em sua maior parte, através da exploração predatória da natureza e da mão de obra de indígenas escravizados, inclusive do povo Guarani. É justamente nas áreas habitadas por esse povo que a Mata Atlântica no município de São Paulo segue resistindo.



Terra Indígena Jaraguá



Terra Indígena Tenondé Porã



● Aldeias

Na capital paulista existem atualmente mais de 20 aldeias, onde vivem mais de dois mil Guarani distribuídos em duas Terras Indígenas (TI). A TI Jaraguá, na região noroeste, teve seu território de 532 hectares declarado pelo Ministério da Justiça em 2015, pela portaria nº 581, reafirmada pela portaria nº 793 em 2024. Já a TI Tenondé Porã, localizada no extremo-sul da capital, foi declarada em 2016 pela portaria nº 548, com um território de 15.969 hectares. Resistindo à pressão do modo de vida dos **jurua** – modo como os Guarani dessa região denominam os não indígenas –, essas comunidades lutam para garantir a preservação de sua cultura e de suas terras, e com isso protegem o pouco que resta da Mata Atlântica de São Paulo.

Esta publicação apresenta uma ação pioneira conquistada por esse povo entre as políticas culturais da cidade: o Programa Aldeias, realizado desde 2014 por meio de parceria entre a Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, as comunidades guarani e o Centro de Trabalho Indigenista. As atividades realizadas durante os dez anos de Programa Aldeias são apresentadas neste livro através de uma organização concebida a partir de aspectos centrais da cultura guarani, dividida em três eixos que se relacionam: alimentação tradicional e a preservação da **yvyrupa; opy reko** – fortalecimento dos rituais e saberes tradicionais; e ação entre dois mundos – o mundo dos Guarani e o mundo dos **jurua**, os não indígenas. Esses eixos são divididos em tópicos, compostos a partir de dois discursos complementares. Em preto, são introduzidos textos explicativos sobre as atividades desenvolvidas no percurso do projeto. Em verde, são apresentados os depoimentos das lideranças guarani, que se relacionam com os temas abordados e revelam suas vivências dentro do Programa Aldeias.

FUMO E ERVA MATE: O SURGIMENTO DO PROGRAMA ALDEIAS

A Secretaria Municipal da Cultura teve os primeiros contatos aqui no território com os artistas que vinham para a aldeia para dar formações e oficinas de teatro. Nos primeiros momentos, a gente falou: “vamos fazer, vamos aí”, mas não é do nosso cotidiano, a gente tem outras buscas, mesmo respeitando muito a prática dos artistas.

Na época, eu era professor também. Tinha uma agente do [Programa] Vocacional, a Patrícia Zuppi. Ela sempre ia na minha sala para convidar os alunos para participar de uma apresentação, para fazer alguma coisa junto, e eu sempre levava as crianças para participar. Só que não era uma coisa que a gente buscou, não foi a gente que pediu. Em um momento, [o pessoal das oficinas] foi entrando também na casa de reza, tentando conhecer mais a cultura. Às vezes, eles perguntavam o que era para trazer, e a gente falava: “fumo e erva mate”.

O fumo e a erva mate foram a grande questão para ter essa reviravolta, porque não tem orçamento dentro da Secretaria Municipal de Cultura pra comprar nenhum dos dois. A gente sabe que a diversidade aqui dentro do município de São Paulo é muito grande, mas no início a Secretaria da Cultura tinha essa defasagem de não conhecer os Guarani e de não conseguir

entender isso: o quanto era importante ter o fumo e a erva mate para a comunidade guarani.

Eu acho que foi aí que surgiu essa batalha: para que a gente conseguisse levar essa mensagem dentro da Secretaria. E muitas pessoas foram importantes nesse processo, os próprios monitores, agentes do Vocacional e, em algum momento, teve um movimento muito forte das lideranças de falar o que a gente queria desse Programa ou de um projeto que viesse aqui para a comunidade, para os territórios guarani aqui do município.

Fomos pensando sobre essas questões, explicando o que a gente entendia como cultura. Para nós, tá tudo junto e misturado, cada um tem sua função, cada um tem sua importância. Quando a gente levou essa parte do plantio, do roçado, da alimentação saudável e da espiritualidade junto, acho que foi muito forte para a Secretaria entender que isso também faz parte da cultura. Mesmo com muita dificuldade, teve muito acolhimento por parte da Secretaria. Mesmo com os desafios, a gente conseguiu escrever um edital bacana, que tratava da parte do fortalecimento espiritual que vem dos **nhemongarai** [rituais de batismo], do intercâmbio, do plantio, do fortalecimento das sementes tradicionais e do fortalecimento das nascentes. Então, a Secretaria conseguiu ampliar esse olhar, através dessa busca que as lideranças levaram para ela. Para nós, não tá nenhuma parte separada, só pro **jurua kuery**, pro não indígena, que está tudo separadinho. Se fosse falar de agricultura, de alimento, teria um outro setor, outra secretaria. Se fosse falar da água, a mesma coisa. Então, é um desafio muito grande.

Quando a gente pensa nessas questões, dessa visão de uma coisa muito sistemática que trata tudo em uma caixinha, se você trabalha com essa cultura e se a

Secretaria tem esse trabalho com os povos, pensando aqui no município de São Paulo, é importante ter essa visão mais ampliada para conseguir minimamente apoiar e fortalecer essas culturas que ainda estão resistindo pra continuar existindo.

— Karai Tiago, aldeia Kalipety, TI Tenondé Porã

O Programa Aldeias se estruturou no início da década passada através das demandas das próprias aldeias. Privilegiou as formas de organização guarani, suas lideranças e conselhos, os saberes dos mais velhos, as práticas dos jovens. Sua referência é o **nhandereko**, o modo de viver guarani. Mas nem sempre foi assim.

As primeiras atividades aconteceram em 2012 e 2013, quando as lideranças guarani das aldeias de São Paulo desenvolveram parcerias artístico-pedagógicas nas aldeias. Até então, essa parceria chamava-se “Programa Vocacional”. Mas, como Karai Tiago comenta em seu depoimento, os Guarani sentiam que as atividades não estavam em consonância com seu modo de viver e sua cultura tradicional. Era preciso uma visão mais ampla de cultura: uma visão que contemplasse oficinas audiovisuais, por exemplo, mas que também incluísse aspectos centrais da concepção de cultura para os Guarani, como o cultivo do milho, seus mutirões e o batismo das sementes. Foi a partir dessa demanda que o Programa Aldeias surgiu.

Os Guarani não enxergam tudo em “caixinhas”, como o não indígena. A cultura e o meio ambiente não são separados, andam juntos. Isso significa que essa demanda pelo fortalecimento cultural



das comunidades guarani no município de São Paulo era uma demanda também por fortalecer o meio ambiente e a gestão ambiental sobre suas terras, inclusive com a recuperação de áreas ambientalmente degradadas pela exploração dos não indígenas. Por décadas, o território guarani foi confiscado pelos não indígenas, que degradaram suas florestas e seus rios e com isso comprometeram o modo de vida guarani, pautado por relações fundamentais com a mata e seus seres. O confinamento territorial, o assédio dos não indígenas, a proximidade da cidade: tudo isso prejudicou o plantio, a caça, a coleta, os hábitos de consumo, a realização de rituais, bem como todos os intercâmbios e relações de reciprocidade que unem as aldeias do **yvyrupa**, o território tradicional guarani.

Assim, várias atividades realizadas durante o projeto refletem os anseios dos Guarani por recuperar seu território. Foram implementadas ações de recuperação ambiental de solos e rios, associadas a um planejamento estratégico para utilização destes recursos naturais e potencialização das atividades de plantio. Essas ações estão sempre relacionadas ao modo de ser guarani, e ajudam a fortalecer as casas de reza e a vida ritual. Também foram feitos esforços na produção audiovisual e editorial, na divulgação em redes sociais e na realização de eventos para a desmistificação da imagem que os não indígenas têm dos Guarani, possibilitando uma visão mais coerente com o modo como esse povo vive hoje e com suas demandas territoriais e políticas.

Nesses dez anos, os Guarani tiveram protagonismo em todas as dinâmicas do projeto, favorecendo uma maior articulação das próprias aldeias e seu envolvimento nas ações. A Comissão de

Monitoramento e Avaliação constituída por lideranças e representantes guarani das duas TIs é a instância responsável por aprovar e avaliar o plano de ações do projeto e orientar sua execução. Os agentes culturais indígenas são importantes mediadores políticos entre as comunidades guarani no município e a sociedade envolvente, e também responsáveis por mapear as demandas e expectativas das aldeias em relação ao Programa. Os agentes têm diferentes perfis. Alguns se voltam para o apoio em mutirões e trabalhos coletivos, enquanto outros se dedicam a realizar articulações políticas entre as diferentes aldeias e o mundo **jurua**. A organização das atividades se construiu de maneira horizontal e participativa entre as lideranças, com a definição das principais necessidades de cada aldeia, os ritmos de trabalho, e a relação com técnicos e parceiros externos.

O Centro de Trabalho Indigenista (CTI), atendendo à solicitação das comunidades guarani no município, foi desde o início o mediador da execução do Programa Aldeias, e incentivou o protagonismo das comunidades indígenas para que conduzissem as ações do programa segundo seus modos próprios de organização. O CTI é uma associação sem fins lucrativos, fundada por antropólogos e indigenistas, que atua nas comunidades guarani no município de São Paulo desde a década de 1970, com a perspectiva de uma atuação direta nas terras indígenas por meio de projetos elaborados a partir de demandas locais, visando contribuir para que os povos indígenas assumam o controle efetivo de seus territórios, auxiliando-os em suas reivindicações face ao Estado para a proteção e garantia de seus direitos.

O Programa Aldeias é essa política em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo e que tem apoio do CTI, que é o Centro de Trabalho de Indigenista, que também faz a ponte da Secretaria com a aldeia, organizando as bolsas dos agentes culturais, as atividades, os projetos.

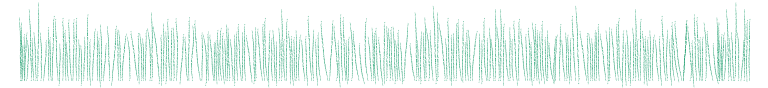
O que é importante para a gente é fazer a manutenção e o fortalecimento da cultura guarani em relação à água, ao plantio, à plantação de mudas de árvores frutíferas nativas, à recuperação de áreas degradadas, às atividades e encontros para fortalecer a dinâmica do **nhandereko**, do nosso modo de ser guarani, para homens, mulheres e jovens. Tudo isso para essa Terra Indígena na capital de São Paulo é importante porque é o reconhecimento dessas aldeias existentes aqui, existindo dentro do seu pensamento de vida em relação ao mundo e em como se relacionar com a terra, com a natureza.

— Jera Guarani, aldeia Kalipety, TI Tenondé Porã

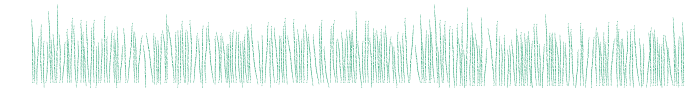
NÚMEROS DO PROGRAMA

O Programa Aldeias busca contabilizar suas ações como forma de mensurar os impactos do projeto dentro das Terras Indígenas no município. O gráfico ao lado evidencia o caráter maleável do projeto, que se adapta constantemente para incorporar os objetivos e prioridades dos Guarani. A variedade de atividades realizadas demonstra esse compromisso com a adequação às necessidades das comunidades, garantindo que diferentes iniciativas sejam priorizadas conforme os interesses de cada momento. Esse processo de adaptação permite que o Programa Aldeias siga relevante e eficaz, oferecendo suporte e promovendo iniciativas alinhadas às demandas dos **tekoa**.

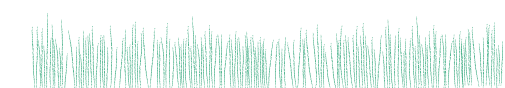
AÇÕES DE PLANTIO
DE MUDAS E ROÇADOS
246



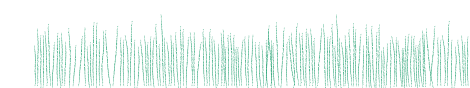
OBRAS DE
INFRAESTRUTURA
222



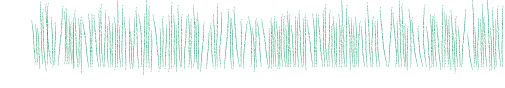
CONSTRUÇÃO DE
ESPAÇOS COLETIVOS
157



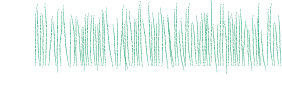
OBRAS DE CAPTAÇÃO DE
ÁGUA E SANEAMENTO
ECOLÓGICO
138



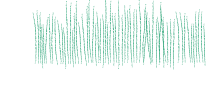
OFICINAS
INTERCULTURAIS
157



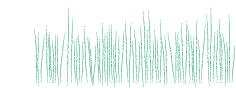
APOIOS A RITUAIS
DE NHEMONGARAI
87



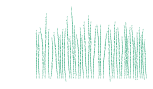
INTERCÂMBIOS
62



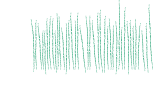
ENCONTROS E AÇÕES
VOLTADOS AOS JOVENS
68



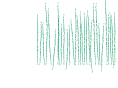
ENCONTROS E AÇÕES
VOLTADOS ÀS MULHERES
42



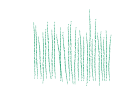
ENCONTROS E AÇÕES
VOLTADOS AOS ANCIÕES
40



EVENTOS PÚBLICOS
31



PRODUTOS
DESENVOLVIDOS
26



Total de atividades desenvolvidas pelo Programa, separadas por tipo de atividade.

MOMENTOS MARCANTES

2017
primeira colheita
na aldeia Itaendy

2017
exibição do filme
Avaxi Para'í na TV
Cultura

2015
mostra
de cinema
indígena

2015
construção de
opy na aldeia
Tenonde Porã

2024
evento de
10 anos do
Programa
Aldeias no
Sesc
Pompéia

2023
primeiro plantio
na aldeia Pindó
Mirim

2023
10 anos do evento
Beleza Indígena

2018
primeira edição do
livro Ara Pyau

2018
abelhas nativas são trazidas
do ES para a aldeia Ytu

2014
início do programa

2014
viagem à aldeia
Pinhal (PR) - volta
com sementes de
milho tradicional

2014
primeiro mutirão
de plantio na
aldeia Kalipety

2015
participação em
nhemongarai na
aldeia Palmas (PR)

2015
evento de 1 ano
de Programa
Aldeias no CCSP

2022
primeiro encontro
de jovens das duas
TIs na aldeia Kalipety

2018
primeira fossa ecológica
a aldeia Ytu

2019
colheita de
jety na aldeia
Tape Mirim

2019
plantio de
mudas nativas
na aldeia
Yvyporã

2020
pandemia

2021
jogos indígenas
de abril na
aldeia Pyau

2021
oficina de comunicação
na aldeia Itakupe

2021
encontro de
mulheres na aldeia
Tekoa Porã (entre
Jaraguá e Tenonde)



ALIMENTAÇÃO TRADICIONAL E CONSERVAÇÃO DA YVYRUPÁ

65

É muita coisa nesses 10 anos. Desde o começo de 2014 até aqui, mudou muito. Entre 2014 e 2017, a gente vivia um tempo em que a gente tinha que pensar em plantar e, ao mesmo tempo, tinha que pensar em proteger a nossa **tekoa**, nossa comunidade. A gente vivia na correria de fazer algumas atividades fora da aldeia. Não tinha muito planejamento e não tinha muito tempo para a gente sentar e planejar como a gente cuidaria da terra pra poder fazer plantio. Hoje, a gente conseguiu parar um pouco na **tekoa** e pensar como a gente vai fazer para mudar o clima, proteger a natureza, a terra. Como o **xamõi kuery** [anciões] fala, a primeira coisa que a gente tem que fazer é cuidar, tem que dar carinho pra terra.

— Rete Geni, aldeia Itakupe, TI Jaraguá

PLANTIO

As atividades de plantio e roçados são centrais na cultura guarani. Com o sucesso das colheitas, as aldeias passam a depender cada vez menos de alimentos industrializados, de origem incerta, muitas vezes produzidos com agrotóxicos e em lugares distantes da aldeia. Os produtos do plantio também estão ligados à realização de rituais tradicionais e à confecção de remédios da medicina guarani, importantes para a sua saúde corporal e espiritual. Por tudo isso, fomentar o plantio fortalece a organização e autonomia das comunidades.

Atentos às estações do ano (que para os Guarani são apenas duas, **ara yma** e **ara pyau**) e às fases da lua, os Guarani se empenham em manter nos seus roçados uma grande variedade de sementes e raízes, como milho, batata doce, amendoim, feijão, abóbora e outros. A ligação entre a terra e seus ciclos é de vital importância, e os momentos de preparo do solo para semeadura e colheita são as principais ocasiões em que os mais velhos passam aos mais jovens conhecimentos milenares sobre a história, a cultura e as técnicas de plantio. É quando também se compartilha com as **kyringue** (crianças) a alegria de ver, acompanhar e participar do nascimento e do crescimento dos novos frutos da terra.

Quando o seu limite chega, que é o cansaço, quando você está desanimado, os **xeramõi** [anciões] sempre falam: “Está desanimado? Não tá com aquele ânimo de viver? Pega uma semente de **avaxi para’i** (milho colorido), **avaxi ete** (milho verdadeiro). Planta ali. Vai regando, vai cuidando”. Três ou quatro dias depois, você vai ver aquele broto e você diz “nossa, eu não sabia que aquele ia dar, tô feliz”. É quando você se recupera, você vai vendo se o plantio vai crescendo e você vai se fortalecendo. “Nossa, tá dando, então vou continuar, vou fazer isso e tal”, é onde você vê esse propósito de viver. “Eu quero viver para fazer esse plantio para toda a comunidade”, onde chega essa questão da espiritualidade. O **avaxi ete**, ele vem da espiritualidade. Hoje, a gente vai chegar na época de plantio, que é o tempo quando as pessoas se renovam. Quando as pessoas, que no tempo velho, estavam desanimadas, hoje é o tempo de se levantar de novo.

— Wera Michel, aldeia Itakupe, TI Jaraguá

A importância de a gente estar aqui é a gente recomeçar de novo a replantar. Há 7 anos atrás, quando eu morava na Tenondé Porã, a gente não tinha mais plantio de **avaxi**, até de **pakova** (banana) a gente não tinha. De **mandi’o** (mandioca), de **jety** (batata-doce), a gente não tinha. E agora, nessa retomada Kalipety, a gente tem tudo isso. A gente tem banana, milho, batata, mandioca, que antes a gente não tinha mais e hoje a gente tem.

— Kerexu Honório, aldeia Kalipety, TI Tenondé Porã

RECUPERAÇÃO DE ÁREAS DEGRADADAS

Para plantar, uma das atividades mais importantes é a recuperação de solos. Ela permite que áreas que antes estavam sem uso ou degradadas possam ser recuperadas e utilizadas para a produção de alimentos para a comunidade. Essa atividade é feita através de mutirões coletivos. Nesses eventos, importantes conhecimentos sobre a cultura guarani e suas práticas de plantio são compartilhados entre os participantes. Nos últimos anos, os Guarani têm se interessado cada vez mais em aprender também técnicas complementares com parceiros não indígenas, como adubação verde, cobertura vegetal, entre outras. Em conjunto com os conhecimentos tradicionais, essas práticas têm possibilitado a recuperação de

áreas degradadas e a permanência das roças de maneira mais perene.

Na aldeia Kalipety, na Terra Indígena Tenondé Porã, foi realizado um intenso trabalho de enriquecimento e recuperação dos solos que estavam desgastados pela antiga monocultura de eucalipto. O intercâmbio foi tão bem-sucedido que os agentes guarani da TI Tenondé Porã se apropriaram das técnicas agroflorestais e passaram a reproduzi-las com autonomia em áreas e aldeias vizinhas que tinham situações semelhantes.

A recuperação de solo para gente, há 10 anos, era uma coisa muito nova. Começou a partir da necessidade de ter as sementes tradicionais fortalecidas, resgatadas, e, ao mesmo tempo, nessa busca de ter a soberania alimentar através dos alimentos plantados numa forma mais saudável.

Quando a gente entrou [nessa área que estava degradada], a gente teve muita dificuldade. Nos primeiros plantios que a gente fez, quando a gente entrou nessa área em 2013, a ansiedade era muito grande de ter o milho guarani plantado, de ter outras sementes, outros alimentos também. Nos primeiros momentos, a gente foi plantando as sementes que a gente tinha e elas não vingaram, a gente perdeu muitas sementes. A busca era fazer com que as sementes vingassem dentro dessa aldeia.

Eu lembro que teve um apoio, já no começo, que vinha com um olhar de fora, de pensar estratégias, que trazia essa visão de fortalecer o solo. Então, já no começo, a gente teve o apoio do Programa Aldeias, que foi se transformando também ao longo dos anos. Um desses apoios foi para o plantio. Com isso, a gente conseguiu conversar entre as lideranças

para tentar fortalecer essa parte de ter um apoio externo, que poderia trazer e ajudar a gente a pensar um outro jeito de fazer. A gente sabe que sempre teve esse conhecimento dentro da cultura guarani, mas, em algum momento, a gente perdeu ele, ficou enfraquecido pelas questões de perda territorial.

A parte da consultoria foi muito importante já no começo. No primeiro ano, quando a gente plantou, não deu nada, lembro que o milho cresceu só 60 cm e não avançou. Daí a gente foi conversando. Na época, tinha um assessor que trabalhava com essa parte da agricultura. Era um consultor que fazia parte da equipe do Programa Aldeias e trouxe várias formas de pensar. Lembro que ele trouxe a curva de nível, que é você fazer níveis para fazer a água da chuva parar. Você faz uma curva nivelada e semeia com adubação verde e o meio dela fica com um buraco que com a chuva fica mais úmido.

Daí que a gente começou a usar o calcário para corrigir o solo e também outros adubos. A gente conheceu a adubação verde nessa época também. Foi um processo bem lento porque necessita do engajamento da comunidade para entender que isso é importante e que a nossa forma, que a gente estava acostumado, já não estava dando conta. Então, no primeiro momento foi entendido que era uma saída, uma alternativa para fortalecer e o Programa Aldeias já estava atuando muito forte nessa época, nesse apoio aos roçados guarani.

— Karai Tiago, aldeia Kalipety, TI Tenondé Porã

REFLORESTAMENTO E MANEJO AMBIENTAL

Diversos estudos já constataram que as Terras Indígenas são as áreas de conservação que mais ajudam a preservar as florestas. Não é por acaso que o território guarani em São Paulo abriga uma das poucas áreas remanescentes da Mata Atlântica no país: é justamente por conta da presença dos Guarani que a mata ainda está de pé. É histórica a disposição deste povo em apoiar a recuperação ambiental, promovendo ações de plantio e reflorestamento para resistir contra os impactos negativos do crescimento da cidade e garantir a sustentabilidade deste bioma em risco.

Quando eu comecei no Programa Aldeias, já comecei a pensar na questão ambiental. A gente, quando vê a mudança que tem no clima, não é de agora. A gente não percebeu porque saiu no jornal ou porque virou notícia. A gente já percebeu há muito tempo. A gente fez um projeto de plantio. Já com plantas frutíferas, porque era o que a gente tinha em mente naquele começo. Com o passar do tempo, a gente começou a ter a ideia de fazer o reflorestamento. Muitas coisas que são da mata a gente usa de forma medicinal ou para fazer artesanato. Depois, a gente começou a ter ideia de dar variedade para essa mata que a gente tem no Jaraguá. Creio que nas outras regiões da Tenondé Porã também começaram a fazer essa iniciativa de reflorestamento.



Eu ia no viveiro do Manoel Lima [ancião guarani reconhecido por seus conhecimentos relacionados ao plantio] e comecei a ter ideia de trazer algumas coisas para cá que já observei que não tinha mais, como araucária, a erva mate. E ela faz parte da Mata Atlântica. E aí a gente usa também as folhas para fazer o ritual do **ka'a'i** [ritual de batismo da erva mate] e para consumir a própria bebida. Aí a gente começou a fazer esses projetos e a gente plantou centenas de espécies de plantas com o apoio do Programa Aldeias. Isso para nós foi muito importante.

Tem muitos sinais que a natureza dá para a gente. A reintrodução dessas árvores, dessas plantas, nesses 10 anos, foi importantíssima para a volta dos animais e para regularizar o clima. A gente percebeu que o clima já está melhor. Aqui nessa parte a gente costuma dizer que é um microclima, porque daqui a mais ou menos 10 km, está quente. E no inverno é o contrário, a parte mais aberta, onde não tem muitas árvores, está muito frio, muito gelado, seco, enquanto nessa região está uma temperatura melhor do que na cidade, ela regula o clima também, isso é importante.

— **Jurandir Martim, aldeia Yvyporã, TI Jaraguá**

Os Guarani da aldeia Itawera, da Terra Indígena Jaraguá, compreenderam que a ameaça à mata é também uma ameaça à sua própria cultura e à sua própria sobrevivência. Por isso, desde 2015, essa aldeia iniciou um processo contínuo de ações pela recuperação da natureza no local. Para tanto, buscaram aliar seus conhecimentos tradicionais a métodos externos de reflorestamento.

Aqui no Itawera não tinha nada de natureza, não tinha nada, era um campo de futebol. **Eu tinha um sonho de fazer um reflorestamento, sempre tive esse sonho de plantar, cuidar,** e aí o Programa Aldeias chegou quando nós estávamos começando a preparar o território, a terra.

Quando eu vim morar aqui, tinha muito lixo, muito esgoto, era muito sujo aqui. Ninguém dava valor a esse espaço. E aí foi quando eu fiquei sabendo do Programa Aldeias, “ah, vamos trabalhar junto então, né?”. E foi quando o Programa Aldeias trouxe tudo que tem aqui, a maioria dessas mudas, dessas árvores que estão plantadas aqui, foi o Programa Aldeias que deu.

Plantamos primeiro o adubo, porque a gente tem que tratar a terra primeiro para depois plantar as mudas. E já estamos colhendo banana, manga, laranja, várias frutas eu já tenho para as crianças se alimentarem aqui. Então, esses 10 anos de Programa Aldeias, para mim daqui da Itawera, foi muito importante. Uma história, uma luta que eu acho que ainda não consegui vencer, mas junto ao Programa Aldeias a gente vai conseguir vencer. Esses 10 anos, ainda é pouco, tem que vir mais 10, mais 20 para concluir o meu trabalho dentro do território aqui do Itawera.

— **Maria Ara Poty, aldeia Itawera, TI Jaraguá**



CAPTAÇÃO DE ÁGUA

Direito básico e essencial à vida, a água é também necessária para a manutenção dos plantios, de uma terra boa e da saúde nas comunidades guarani. Por este motivo, uma das linhas de ação do Programa Aldeias é a construção de sistemas de captação de água. Ao longo dos ciclos do programa, foram criadas diversas estruturas de captação e proteção das nascentes nas distintas aldeias com o objetivo de garantir a distribuição de água limpa e melhorar o sistema de irrigação nas comunidades.

No começo da retomada a gente teve um pouco de dificuldade com a água. Não tinha água, mas graças a **Nhanderu** [principal divindade da cosmologia guarani] surgiu essa nascente aqui. A gente começou a tomar água dessa nascente sem ter um bom tratamento, aí causou dor de barriga nas crianças e a gente não sabia o que era. Foi aí que entrou o pessoal do Programa Aldeias. Eles vieram ver a nascente e tiveram a ideia de fazer uma captação nela. A gente começou a seguir os passos deles, fizemos a captação usando o cimento, tudo bonitinho e aí deu certo. A gente começou a tratar ela com cloro e aí a gente já não teve mais problema com a água.

Até hoje, essa nascente nunca chegou a secar de vez. Ela ameaçou diminuir, mas depois veio com toda força. Depois, com ajuda dos nossos parceiros das outras aldeias, como Kalipety e Tenondé, a gente

começou a procurar mais nascentes por aqui. Com o tempo, a minha irmã foi morar lá mais longe e aí ela fez outra captação de água, seguindo o mesmo trabalho que a gente fez aqui com o pessoal do Programa Aldeias, que sempre nos apoiou. Hoje, eles têm uma nascente boa lá e aí são duas nascentes aqui que a gente fez captação. E a gente, com a água, não tem mais passado necessidade. Com a água está tudo ok, aqui no Tape Mirim.

A água é muito importante para fortalecer o **nhandereko**, tem que cuidar em volta da nascente, sempre manter ela do jeito que ela gosta de ficar, não tirando muito as matas em volta da nascente, deixar o local limpo. A gente tem que dar atenção para a nascente, porque senão ela pode secar. Dependendo do tratamento que a gente dá para ela, ela vai progredir mais rápido. Se a gente ficar cortando muitas árvores em volta da nascente, isso não é bom para ela. Aí a gente cuida dela e ela sempre vai abastecer as nossas casas, né?

— Laura Arayvotu, aldeia Tape Mirim, TI Tenondé Porã

SANEAMENTO ECOLÓGICO

São Paulo trata apenas 55% do esgoto que produz, segundo o Instituto Trata Brasil. Antes do Programa Aldeias, o saneamento oferecido às aldeias era precário e insuficiente, e não

atendia a todas as aldeias, afetando a qualidade de vida dos Guarani, causando constante preocupação. O saneamento ecológico foi uma alternativa encontrada pelos Guarani para garantir a destinação ecologicamente correta do esgotamento sanitário e manter a salubridade dos espaços coletivos. Em 10 anos, foram feitos avanços significativos em direção a esses objetivos, melhorando a saúde, a qualidade de vida dos Guarani e o ambiente no entorno das terras indígenas, evitando a contaminação dos lençóis freáticos. Foram construídos banheiros coletivos com diferentes materiais e modos de uso, adaptados às decisões e necessidades de cada aldeia. Técnicas tradicionais foram fundidas a técnicas não indígenas, e os mutirões de construção funcionaram como momentos de aprendizado prático, de coletivização de técnicas e de concepções construtivas.

A gente tinha um grande problema na questão dos esgotos. Antes do Programa Aldeias, eram feitas as fossas, mas essas fossas não tinham um trabalho de impermeabilização, que não deixasse o esgoto contaminar o solo, o lençol freático. Não tinha solução: muitas dessas fossas tinham um período que elas ficavam vazando, porque não tinha um esgotamento correto desse material. Com o Programa Aldeias, a gente começou a pensar em fazer um tipo de saneamento que fosse mais saudável.

Pensamos no tratamento de raízes, que é um sistema simples. Você faz os recipientes lineares. Na primeira parte, a água entra com os dejetos, passa em um cano. Depois vai passar no outro sistema, que aí vai ter britas, carvão e plantas como a taioba e a

bananeira, que criam raízes e demandam muita água. Nesse sistema, a água é sugada e passa para outro sistema, que é também de raízes, que também vai fazendo a limpeza da água. Quando a água chega no último sistema, ela vai cair mais ou menos 99% limpa. Não vai ser uma água potável, não vai ser uma água que você vai poder consumir ou usar para cozinhar, mas não vai ter a contaminação que teria se fosse direto do banheiro ou da fossa direto para a água sem tratamento. Então você coloca o cloro que vai matar os micróbios mais nocivos para nós. Então ela sai limpa.

Com o Programa Aldeias foi possível fazer esses projetos de tratamento da água preta - o esgoto. Porque tem a água cinza, que é do tanque de lavar roupa, da pia, que aí o tratamento é muito mais simples, que é o sistema de bananeira. É um filtro que a gente faz. A gente cava um buraco, coloca o cano para água entrar dentro desse sistema. E vai fazer um círculo de bananeira e ela vai fazer a filtragem da água, e ela não vai contaminar o solo com detergente ou sabão. O Programa Aldeias nos ajudou a fazer esses sistemas em muitos locais aqui do Jaraguá.

Se não fosse essa iniciativa, a gente teria ainda problemas de doenças, que hoje a gente não tem. Tinha uma época que a gente tinha morte de crianças aqui no Jaraguá. Até mais ou menos uns 10 anos atrás, era frequente criança com menos de um ano falecer, e hoje já não tem. É pensar que era por causa dessa condição do saneamento básico. Muitas pessoas acham que não tem problema muito grande, mas traz vários tipos de doenças, e tem doenças que são gravíssimas para as crianças. Ter mais atenção com esses tipos de saneamento básico, igual o Programa Aldeias teve, isso foi fundamental. Não é ainda o suficiente, tem muita coisa para ser feita

porque tem áreas que não têm água, e aí precisa de poços artesianos, precisa fazer um tratamento. Então precisa de mais de 10 anos de Programa Aldeias para poder fazer isso acontecer, é importante.

— Jurandir Martim, aldeia Yvyporã, TI Jaraguá

ABELHAS

As abelhas nativas estão presentes nas narrativas guarani contadas até hoje pelos anciões e anciãs, assim como no cotidiano das práticas rituais e de cura das comunidades. Extintas em diversos territórios, mais de dez espécies de abelhas nativas retornaram ao Jaraguá a partir de 2018, graças ao trabalho desenvolvido pelas comunidades da Terra Indígena. Os Guarani têm encarado como uma missão resgatar o maior número dessas abelhas, seres essenciais para a vida de tantas outras espécies vegetais e animais do planeta.

O manejo das abelhas, em processos como a multiplicação das caixas, acontece normalmente nas épocas quentes do ano, quando as abelhas estão no auge de sua produção. Esses são os melhores períodos para a retirada de mel utilizado na medicina tradicional. Os cuidados necessários para a manutenção e incremento dos meliponários são, contudo, práticas contínuas. Com a chegada do frio, são reforçadas as atividades de supervisão com os meliponários, já que as abelhas ficam mais contidas, principalmente no mês de julho. Passada esta época, inicia-se o **ara pyau** (tempo

novo guarani) em meados de agosto e setembro, marcando o início de um ciclo de renovação também para as abelhas nativas, que finalmente saem de suas colmeias.

O desejo das comunidades é aumentar ainda mais a produção nos próximos anos para que em breve o mel e a cera produzidos sejam suficientes para a realização dos rituais sagrados e da medicina tradicional, visando ainda expandir essa iniciativa para outros territórios indígenas.

A gente ouvia relatos dessas abelhas nativas, que antes aqui existiam em abundância, porque ainda era tudo mata e a água era boa para se beber. E isso foi mudando, essas abelhas foram desaparecendo. Quando a gente iniciou esse projeto, poucas abelhas estavam resistindo nesse território, e a maioria das abelhas já tinha desaparecido. Esse foi o ponto focal da visão do povo Guarani desse território, de ir em busca dessas abelhas. Porque sabia da importância de permanecer perto dessas espécies. Sempre conhecemos as histórias das abelhas, da importância para nossa vida espiritual, para o nosso ritual, para medicina e para manter o equilíbrio da natureza desse bioma, desse território, para a gente continuar a nossa vida aqui.

Naquele contexto de 2018, estava muito difícil, porque se falava dessas abelhas só em histórias, daí que se iniciou esse projeto para repovoar esse território. Foi difícil, no primeiro momento. Tinha poucas pessoas ajudando, articulando com o território para a gente implantar esse meliponário e começar a trabalhar, trazer de novo essas espécies que tinham sido extintas. Buscamos a Jataí pelo sagrado, pela



importância espiritual que ela nos proporciona enquanto povo Guarani, e **Eiraviju**, Mandaçaia e Uruçu amarela por serem abelhas mais fortes, mais robustas, para poder voar por mais quilômetros dentro da mata para se alimentar.

Dessa forma, a gente foi trabalhando, desde 2018 até os tempos atuais, trazendo dez espécies de abelhas. Levamos alguns anos fazendo essa pesquisa diária, mexendo com elas, fazendo divisões de família e possibilitando que a gente pudesse reproduzir essas espécies, para depois ir implantando mais meliponários em outras aldeias aqui do Jaraguá.

O território Jaraguá está com sete aldeias e, dentre elas, a gente levou para as **tekoa** Itawera, Yvy Porã, Itakupe e para **tekoa** Itaendy. Essas aldeias receberam esse incentivo desse meliponário aqui e a gente também incentivou muito para conhecer as práticas que não são da nossa cultura, mas que ajudam muito nas práticas de cuidados com o meliponário.

Tudo que essas abelhas produzem para nós é sagrado. Desde o própolis, pólen, mel, cera, são todos sagrados para o nosso povo. Isso nos proporciona uma matéria para a gente fazer os nossos rituais anuais. Isso traz muita força para o nosso povo, para a gente manter a nossa vida tradicional. Também proporciona que a gente mostre para nossa nova geração, para que eles caminhem e tenham essa ferramenta, para que eles possam, depois de nós, continuar nessa vida do povo Guarani.

É também uma importante essência da espiritualidade do nosso povo, porque existe o próprio ritual do mel. Antes desse projeto, a gente não fazia o ritual do mel, e hoje a gente está fazendo anualmente o ritual do mel.

A gente sabe que cada animal, cada espécie que **Nhanderu** fez para habitar essa floresta, é muito

importante para nós. Enquanto povo originário desse bioma, a gente quer proteger elas. Porque nós sabemos que **Nhanderu** não gerou nada sem uma intenção para ajudar o todo da floresta. Cada ser tem o seu papel fundamental. Isso que nós entendemos que equilibra o nosso ecossistema.

Cada ano, a gente percebe que há uma mudança no território. Antes, uma árvore que não florescia hoje começa a florir, porque essas abelhas estão nesse ambiente. Elas têm essa comunicação entre a abelha e as árvores, essa comunicação espiritual que vai fazer com que aquela árvore floresça porque a abelha precisa. Quando **Nhanderu** gerou as árvores e os animais da floresta, ele possibilitou também que eles se comunicassem para ajudar um ao outro. Igual nós na condição de ser humano, precisamos ajudar um ao outro, né? A natureza e seus seres também têm esse diálogo. A gente nota que, hoje em dia, existem mais floradas dentro da nossa mata, as árvores que antes não floriam hoje estão florindo por incentivo dessas abelhas. A longo prazo, a gente percebe que essas árvores vão se reproduzir com mais facilidade. Isso nos traz esperança de que o território, no futuro, vai ter condições melhores para as árvores se reproduzirem, dos animais terem alimento, porque as flores vão gerar frutas.

— **Márcio Wera Mirim, aldeia Ytu, TI Jaraguá**

A close-up photograph of a person's back, showing traditional body paint in shades of brown and black. A colorful beaded necklace is visible around the neck. The text 'OPY REKO – FORTALECIMENTO DOS RITUAIS E SABERES TRADICIONAIS' is overlaid in white.

OPY REKO – FORTALECIMENTO DOS RITUAIS E SABERES TRADICIONAIS

APOIO E FORTALECIMENTO DA CASA DE REZA (OPY)

Unir a comunidade com o objetivo de fortalecer os corpos e espíritos é uma prática comum da vida cotidiana nas aldeias. Acontece nas grandes refeições que vêm das colheitas dos roçados, nas histórias contadas em torno do fogo aceso nos quintais familiares e nos cantos rituais na **opy'i** (casa de reza). As **xejaryi** e os **xeramoĩ**, anciãs e anciãos, são os principais responsáveis por guardarem as sementes sagradas, comunicarem os saberes tradicionais e fazerem com que a cultura seja resistente diante das mudanças no mundo. São eles ainda que realizam os processos de cura e aconselhamento, graças à sua maior habilidade em comunicar-se diretamente com as divindades.

Sempre haverá a casa de reza, sempre estará no meio de tudo que você for fazer. Se for mexer com a terra, pede para que **Nhanderu** sempre abençoe a terra, para que quando você plantar, vingue. Então, aonde a gente sempre chega? Antes de plantar, a gente chega na casa de reza e pede, “abençoe nossa terra”, aí que começa a espiritualidade dentro da terra. Por isso, a casa de reza é importante para toda comunidade guarani, porque vem dali a força.

Existem **tekoas** (aldeias) que hoje, infelizmente, não tem essa questão de matérias-primas dentro da mata e a gente acaba envolvendo a cultura ocidental dentro das aldeias indígenas. Por exemplo, as casinhas que hoje ainda são feitas de madeira, mas com madeira lá de fora. Agora, a casa de reza não pode ser modificada, a gente não pode pegar ela, pegar essa parede de barro e trocar por cimento. Não pode, porque é o que torna a casa sagrada. Não é a questão do barro, mas sim das pessoas e das crianças que colocaram a mão para barrear, fazer o barreamento da casa de reza. Isso é espiritualidade, isso sempre tem que ser renovado, porque cada criança que barreou a casa de reza, eles barrearam com alegria, com felicidade, brincando.

A casa de reza sempre vai ter essa essa espiritualidade, porque é pela questão de como as pessoas se envolveram dentro da casa de reza, como foi feito na verdade. Porque cada um que colocou o barro, pensou de uma forma diferente. Pensou, “ah vou colocar esse barro para fechar porque necessito da casa de reza”.

A **opy** foi feita desde os antepassados, faz milênios, a nossa **opy**, que é o nosso espaço sagrado. Todos os povos Guarani, todos os Guarani Mbya que habitam no Brasil, têm a casa de reza. Os Guarani Mbya de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Rio de Janeiro, todas as aldeias guarani têm a casa de reza. Porque ela tem a importância de manter a cultura, manter o nosso **nhandereko**. A palavra **nhandereko** representa a vida, a vida das pessoas que vivem dentro da comunidade, que vem também do **tekoa**. **Teko** pra nós é vida.

Os xeramõi mais antigos falavam que **opy** tem a simbologia de guardar a cultura. Porque guardar a cultura na **opy**? Porque a **opy** pra nós é onde a gente

aprende a cultura guarani. Toda palavra na **opy** é respeitada. Por exemplo, uma palavra de uma criança na **opy** é respeitada. Uma palavra de um jovem, tem que ser respeitada. A **opy** é onde a gente aprende nossos costumes. A nossa língua em guarani, que a gente ainda mantém essa cultura de falar a fala guarani, a gente aprende dentro da casa de reza. Então, tudo que envolve a cultura guarani, por onde esteja o povo Guarani, sempre tem que ter a casa de reza.

— Wera Michel, aldeia Itakupe, TI Jaraguá

Nós Guarani... às vezes, é difícil explicar para o **jurua**. É um fortalecimento coletivo, não só sobre o nome, de plantação de **avaxi**, da erva. Para nós traz um fortalecimento pro nosso espírito. O **jurua** fala espírito, para nós é **nhe'ẽ**. **Nhandekuary mbaraete**, para ter tudo isso pra nós, pra gente ter saúde. Quando a gente fica doente, a gente procura a **opy**, porque não é só o corpo que fica doente, o espírito às vezes adocece, né? E aí a gente vai na **opy**, o **xeramoĩ** quando vê que a gente está ruim e o remédio de **jurua** não está mais adiantando, a gente vai pro **xeramoĩ** benzer, por isso que é importante a **opy**, não é só corpo que fica doente, é o espírito também.

A gente se reúne todas as tardes e, principalmente, à noite. É à noite que todos se reúnem juntos para fazer o nosso canto, que é o **mborai**. A gente agradece a **Nhamandu**, que é o nosso sol, e a **Nhanderu** e **Nhandexy** [nosso pai e nossa mãe, divindades guarani]. Agradecemos até pelo ar que respiramos. E isso é muito bom para nós. Estamos trazendo essa prática de



volta para as nossas crianças, porque a entrada da internet e da televisão tem atrapalhado bastante nas aldeias. Por isso, estamos incentivando as crianças a frequentarem a **opy**.

— Kerexu Honório, aldeia Kalipety, TI Tenondé Porã

NHEMONGARAI

Os Guarani se movimentam respeitando cada tempo e suas especificidades. Seu calendário é composto por **ara yma** e **ara pyau**, tempo velho e tempo novo, que regem o momento de plantio, de colheita, de recolhimento e de caça. O **ara pyau** é um período de renovação em que os animais se acasalam para procriar, os alimentos estão bons para serem colhidos e as árvores recebem novas folhagens, iniciando um novo ciclo. Já o **ara yma** é um período de maior recolhimento e de preparo do solo. Os **nhemongarai** – “rituais de batismo” – são cerimônias muito importantes na cultura guarani, voltadas a celebrar principalmente a abertura da época de plantio, o **ara pyau**, e as colheitas realizadas no final deste período com danças, cantos e rezas. Os **nhemongarai** também são rituais em que as crianças recebem seus nomes na língua guarani.

A gente agradece bastante o Programa Aldeias por ajudar a comunidade, a comprar fumo, comprar erva-mate. Sobre o **nhemongarai**, é muito importante para

gente não perder a nossa cultura. Para nós, é muito sagrado as crianças receberem o nome, porque o nome que a gente tem em português é só apelido para nós. Agora, o nome em guarani, por exemplo, o meu nome é Kerexu Mirim e o apelido é Cleonice.

Tem **nhemongarai** do **ka'a**, da erva-mate, tem o **nhemongarai** do **avaxi**, que é o milho, que também é muito importante. **Antes de você começar o plantio do avaxi, levar pra opy, a gente faz a reza, que é o canto para que a gente tenha uma boa colheita. Depois, quando a gente for colher, é a mesma coisa, a gente canta. Começa a colher e a agradecer Nhanderu, até a boa colheita.**

— Kerexu Honório, aldeia Kalipety, TI Tenondé Porã

CONSTRUÇÕES DE ESPAÇOS COLETIVOS

Os espaços comunitários são essenciais no dia a dia das aldeias guarani. Neles, são realizadas atividades coletivas como a celebração dos rituais de batismo (**nhemongarai**), reuniões da comunidade, refeições, oficinas de artesanato, assim como a recepção de parentes e turistas que vêm conhecer o território. Os mutirões de construção comunitários são momentos essenciais da formação dos agentes culturais e de toda a comunidade. Neles, os mais jovens aprendem sobre construções tradicionais com os mais velhos, passando pelos



ensinamentos relacionados à escolha do local da construção, aos materiais usados nas edificações e à forma de se fazer o barreamento das paredes – etapa na qual até as crianças participam, aprendendo junto com os adultos e se divertindo muito.

O nosso povo tem duas riquezas que as pessoas quase não falam, que é a produção de alimentos e a construção de casas sustentáveis. Hoje, quando o **jurua** vai construir uma casa, ele não pensa no impacto que vai ter no ambiente. E quando se tem uma casa pensada de uma forma tradicional, aí você pensa nisso, você pensa na direção para a qual vai estar a janela, por exemplo, que é sempre do lado leste, onde nasce o sol. A gente olha o entorno para não ter muito impacto. E a bioconstrução veio para nós, porque a bioconstrução é uma forma de uma construção tradicional. A bioconstrução é uma casa viva, uma casa que respira.

Tem lugar que não dá a possibilidade de retirar material da mata para fazer uma casa tradicional, porque é dentro do parque, ou porque tem uma região que é pobre de floresta, porque não tem condição de tirar esses materiais. E aí as pessoas começaram a construir com restos de material, madeira, zinco, e isso deixou a gente um pouco pensativo, que estamos perdendo a forma tradicional de construir casa. O Programa Aldeias começou a ajudar a resgatar isso. Por quê? Porque com a verba você pode comprar materiais que não existem no lugar ou que não conseguimos tirar da mata por ser dentro do parque*. Por exemplo, eucalipto tratado. Ele não é de tradição guarani, mas é madeira. Você não vai causar um impacto maior. E aí, com as técnicas da permacultura,

*Refere-se ao Parque Estadual Jaraguá, unidade de conservação de proteção integral parcialmente sobreposta à TI Jaraguá.

you consegue fazer com que as construções dessas casas sejam mais duradouras. Porque o Guarani, a gente faz a casa com barro e pronto, enquanto na permacultura you mistura materiais.

O Programa Aldeias nos ajudou nesse tipo de construção. É uma forma muito importante, porque ela não agride tanto o ambiente. Porque ela não tem a necessidade de you fazer colunas de ferro, não vai usar muito cimento, não vai usar muita areia, então you não vai ter um impacto grande onde you vai construir a casa. Além disso, a casa tem um aspecto de casa dos nossos ancestrais, que já faziam as casas de barro. É uma casa que para mim é uma casa viva. A gente fala que a casa respira, porque ela absorve a umidade da atmosfera e ela libera também, porque ela não é selada igual as casas de alvenaria, que é uma casa morta – não respira, não tem vida. Ela é térmica: no verão quente, dentro da casa é mais fresco do que fora e, no inverno, o lado de fora é mais frio e o lado de dentro é mais quentinho. Eu nem falo somente para o povo Guarani, para o povo indígena, mas também para os não indígenas, porque é uma técnica boa, a casa é boa.

— Jurandir Martim, aldeia Yvyporã, TI Jaraguá

INTERCÂMBIOS

Os Guarani chamam de **yvyrupa** o território tradicional que habitam desde muito antes do início da colonização europeia. A **yvyrupa**, termo às vezes traduzido de maneira livre pelos Guarani como “terra sem fronteiras”, abrange regiões que hoje

são sobrepostas por diferentes países da América do Sul – Brasil, Paraguai, Argentina e Bolívia –, onde existem centenas de comunidades guarani que mantêm entre si laços de parentesco, de alianças e de troca de saberes, sementes, artesanatos, entre outras coisas. O Programa Aldeias sempre buscou apoiar viagens de intercâmbio tradicionalmente realizadas pelos Guarani, fortalecendo suas práticas culturais e, em especial, as trocas de experiências, sementes e saberes sobre plantas e remédios entre as aldeias. Os encontros entre parentes são fundamentais para a manutenção do **nhandereko**, modo de ser guarani, e para a perpetuação de suas práticas culturais.

Foi através do Programa Aldeias que a gente conseguiu ir buscar as nossas sementes tradicionais das outras aldeias. Se não fosse através do Programa Aldeias, a gente não ia conseguir o transporte.

A gente conseguiu trazer essas sementes para o nosso território e as aldeias estão plantando. A gente tinha perdido várias das nossas sementes tradicionais. Aqui dentro do território da Tenondé Porã, há muito tempo não se via mais roças, por causa da perda dos espaços. O território das aldeias foi crescendo, o Programa Aldeias está fortalecendo isso. É bem importante para nós ter essa continuidade para o nosso território, para continuar essas atividades. Hoje, a gente consegue fazer esses plantios e a gente consegue essas sementes, então a gente consegue também distribuir essas sementes para o nosso território.

— Poty, aldeia Tenondé Porã, TI Tenondé Porã

ENCONTROS

O confinamento territorial, a perda de recursos naturais, a proximidade e a pressão exercida pelos centros urbanos do entorno e sua sociedade expõem as comunidades guarani a situações de vulnerabilidade e a dilemas complexos, como a deterioração da saúde mental de jovens e adultos, o uso abusivo de álcool e drogas e vários tipos de violência e preconceitos.

Para lidar com esses temas, as lideranças guarani, com o apoio do Programa Aldeias, têm promovido encontros de jovens e de mulheres, buscando abrir espaços de diálogo para fragilidades, potenciais, desejos e desafios destes grupos.

É bem importante quando a gente tem esses momentos de fazer encontros. Principalmente o encontro de mulheres. Nesses encontros, as mulheres começam a ter esse interesse também de querer participar das coisas, principalmente da política. Muita coisa se iniciou nesses encontros. Da mulher querer se interessar em participar mais das coisas, de ter esses momentos de compartilhar a sabedoria umas com as outras. Muitas vezes, a gente se depara com coisas muito difíceis, que só nesses encontros as meninas e as mulheres começam a se sentir bem e começam a trazer as coisas que ficam guardadas para elas.

Então é bem importante esses encontros para as mulheres se fortalecerem juntas. De compartilhar, de chorar, de sentir todo mundo junto ali. Porque, quando você nasce mulher, praticamente tem que ser dona



de casa e cuidar das coisas só da casa. Então, hoje, no nosso território pelo menos, a gente tem esses espaços. Mulheres, jovens, crianças têm esses espaços que foram promovidos pelo Programa Aldeias.

Trazer esses cuidados da saúde da mulher, da saúde das crianças, de ter esse cuidado com nossos territórios, com nossos **tekoa**. Tudo isso foi oferecido através do Programa Aldeias, junto com outros projetos também, mas o Programa Aldeias ofereceu muita ajuda nessa questão. Então, o Programa Aldeias tem que continuar para a gente fazer essas atividades práticas nas nossas aldeias, o que é bem importante pra nós.

— Poty, aldeia Tenondé Porã, TI Tenondé Porã





AÇÃO ENTRE DOIS MUNDOS

TURISMO

Localizada no extremo sul de São Paulo, em uma região da Mata Atlântica preservada, a TI Tenondé Porã sempre atraiu muitos turistas, ansiosos para conhecer mais sobre a cultura guarani e para passear pelos muitos atrativos da região, como cachoeiras e trilhas. Já a TI Jaraguá, cravada no entorno do icônico ponto mais alto da cidade, é um local que atrai muitos turistas e admiradores. No entanto, ainda que as visitas de **jurua** (não indígenas) sejam muitas vezes de interesse dos Guarani, as comunidades também consideram que o fluxo descontrolado de turistas pode ser prejudicial tanto para a vida comunitária quanto para a preservação da natureza, e pode impactar diretamente o modo de vida tradicional de todos os moradores indígenas. Por isso, tais atividades devem ser cuidadosas, estratégicas e coletivamente planejadas.

Com o apoio do Programa Aldeias, os Guarani têm conseguido organizar rotas de turismo sustentável, de base comunitária, que contribuem para o fortalecimento cultural, para a gestão territorial e ambiental autônoma e para a sensibilização da população não indígena que visita as aldeias. O turismo é um campo de possibilidades que convida a todos (comunidade, visitantes, vizinhança, operadoras de turismo e escolas) a repensar crenças, práticas e relações. Por fim, a atividade também pode se tornar uma fonte de renda importante e sustentável para as comunidades.

O povo Guarani e todos os povos tradicionais têm uma potencialidade muito grande de turismo. Porque ali tem cultura. A gente tem cultura, os povos tradicionais têm cultura, têm festas, têm um modo de vida que é diferente da maioria das pessoas e isso é atraente para pessoas que querem vivenciar essas coisas.

Parece simples: vamos fazer um circuito turístico e vamos praticar o turismo. Mas não funciona assim. Tem que ter uma organização, tem que ter uma divulgação, e o Programa Aldeias ajuda nessa parte. Essa condição de fazer banheiros secos, banheiros de uma forma mais sustentável, também ajuda nessa parte do turismo. E aqui para nós foi essencial essa ajuda. Por que o que a gente pensou? Vamos fazer um circuito simples, em que vai ter alimentação tradicional, que foi feita na cozinha comunitária – construída pelo Programa Aldeias. Com a verba do Programa Aldeias, também foram feitos banheiros secos. Sem falar na adequação da trilha, que foi feita com ferramentas compradas com a ajuda do Programa Aldeias. Então, o Programa Aldeias está sempre nos auxiliando nessa parte, não só na parte estrutural, mas também na organização, porque a gente precisa de organização para poder atrair as pessoas para vir. E depois pensar em sites de divulgação, na questão burocrática etc.

Muita gente da sociedade não indígena tem total desconhecimento tanto da condição indígena quanto disso tudo que os próprios não indígenas estão vivendo. Tem gente que nas explicações das abelhas, em relação à natureza, na relação do nosso povo com os animais, não sabia que isso afetava eles também, por conta do clima. “Mas o que tem a ver isso aí?”, [os turistas questionaram]. Tem tudo a ver: as abelhas que fazem a reprodução das plantas. As plantas não andam e as plantas são essenciais para a nossa sobrevivência. Quando os visitantes vêm, eu sinto que eles saem

daqui com bastante conhecimento. Às vezes, ficam 4 horas andando na trilha e eu sinto que é o suficiente para ele começar a ter noção de como é o mundo.

— Jurandir Martim, aldeia Yvyporã, TI Jaraguá

AUDIOVISUAL E REDES SOCIAIS

Atualmente, as redes sociais têm sido uma grande ferramenta para divulgar e amplificar as narrativas produzidas pelos próprios indígenas sobre seu cotidiano e sua cultura, para combater a desinformação e estereótipos sobre a identidade indígena no Brasil. O Programa Aldeias tem usado tais meios para difundir as ações do projeto e para trazer maior visibilidade para o povo Guarani. Por meio de seus canais, o projeto tem se comprometido a difundir tanto os resultados gerados quanto os processos realizados durante o tempo de ação nas Terras Indígenas.

Essa produção e difusão de conteúdo feita em colaboração ativa com os próprios Guarani, através de oficinas e realizações conjuntas, é fundamental para fortalecer a produção de suas próprias narrativas. Essas divulgações tornam visíveis realidades que muitas vezes não são retratadas nos principais canais de mídia, combatendo notícias falsas e quebrando estereótipos sobre os povos indígenas. O audiovisual e a comunicação são ferramentas que conferem autonomia aos

Guarani para se afirmarem cada vez mais como protagonistas na condução de seus interesses, inclusive na luta por seus direitos e no seu espaço como sujeitos políticos que compõem a diversidade sociocultural da cidade de São Paulo e da sociedade brasileira como um todo.

Foi com o Programa Aldeias que começaram as oficinas de audiovisual aqui na Terra Indígena Jaraguá, onde teve oficinas com vários jovens, no ano de 2014. Foi dali que começou essa comunicação aqui no Jaraguá. Então é muito importante que o Programa Aldeias venha desenvolvendo esse trabalho no território para futuramente os jovens também terem um pouco mais de conhecimento nessa questão da internet como uma forma de denúncia de mostrar a cultura para os brancos, para não perder um pouquinho do que a gente tem ainda, né?

— Richard Wera Mirim, aldeia Pyau, TI Jaraguá

Durante todos esses anos, a gente de fato tem muita história e tem a divulgação desses trabalhos na internet também. Os não indígenas podem conhecer [essa história] na internet quando digita Programa Aldeias, Secretaria Municipal Cultura e seus projetos com povos indígenas, ou mesmo digitando CTI na internet. Os jurua podem ver os trabalhos realizados, concretizados, e as coisas acontecendo.

— Jera Guarani, aldeia Kalipety, TI Tenondé Porã



PRODUTOS E EVENTOS

Os saberes e práticas tradicionais dos Guarani são vividos cotidianamente nas aldeias por meio dos ensinamentos das divindades, dos anciãos e anciãs, pelas conversas entre familiares durante as atividades do dia a dia. Entretanto, é possível transmitir em alguma medida seu modo de vida tradicional a partir da criação de produtos que podem registrar seus conhecimentos, conservá-los por mais tempo e difundi-los por mais localidades e pessoas.

Ao longo dos 10 anos de existência do programa, foram produzidas publicações, banners, vídeos e filmes, criados a partir da parceria entre as lideranças guarani e os assessores do programa. Foram elaborados diversos materiais textuais, audiovisuais, fotográficos, jornalísticos, além da realização de eventos, exposições e oficinas voltadas a não indígenas, que buscaram fortalecer e divulgar a cultura guarani.

Além disso, eventos promovidos pelo programa contribuíram para expressar a diversidade cultural do município trazendo um pouco do contexto indígena de São Paulo para o grande público. Foram realizadas dezenas de eventos públicos com apresentações e oficinas culturais, exposições e mostras de cinema (com filmes produzidos pelos indígenas), propiciando uma maior participação das comunidades indígenas nos espaços institucionalizados da arte e cultura no município e provocando o contato entre diferentes saberes e culturas dentro da metrópole.

A gente vive em uma das maiores capitais, mas tem muito **jurua** que não conhece, não sabe das aldeias, não sabe da cultura, não sabe que tem pessoas **guarani**. Esse trabalho de eventos é uma forma de mostrar isso para fora também. Ter possibilidade de fazer isso é também apoiar a divulgação e visibilidade para essas aldeias. Hoje, a gente está nesse momento muito problemático e assustador, de pensar, de refletir, de fazer movimento sobre a questão das mudanças climáticas. Muita gente já está sentindo a mudança de fato, na falta de água, na falta de comida. Então, o modo de ser guarani, de querer preservar e de recuperar áreas degradadas, de plantar sem destruir, para o seu próprio sustento, para a soberania alimentar guarani, mas sem destruir a natureza... A gente tem tudo isso de tentar viabilizar que os **jurua** saibam disso e tenham oportunidade de se conectar com os indígenas que estão aqui em São Paulo.

— Jera Guarani, aldeia Kalipety, TI Tenondé Porã

PERSPECTIVAS

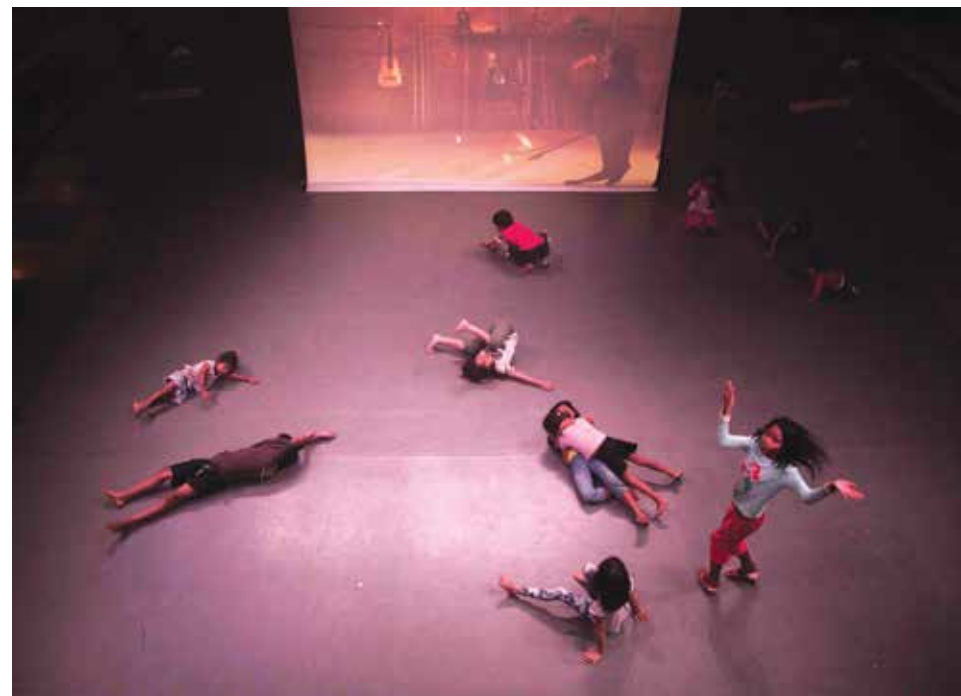
As lideranças Guarani e seus apoiadores têm realizado esforços constantes pela continuidade do Programa Aldeias. Em 2015, foi elaborado um projeto para que o programa se tornasse uma lei municipal. Desde então, diversas articulações e campanhas foram realizadas, mas a aprovação da lei ainda não se concretizou. De toda forma, as comunidades indígenas vêm conseguindo, através de diálogos frequentes junto ao poder público, manter o programa em andamento, pelo bem de seu povo.

Ter a demarcação (das terras) é muito importante, só que é muito importante também proteger e preservar elas. O Estado também tem o dever de cuidar desses territórios, desse patrimônio que é do Estado, do país. Então, é muito importante ter esses apoios. Um exemplo deles é o Programa Aldeias, que é uma política pública, que vem através de um programa. Ele é uma ação direta da Prefeitura, mas não é uma lei, por exemplo, não tem uma garantia efetiva para pensar no aspecto futuro. **É muito importante que a Prefeitura e a sociedade consigam entender a importância dos povos e territórios indígenas no município. O Programa Aldeias fortalece a parte espiritual, a diversidade das plantas, trabalha todo esse valor da cultura desse povo que está fazendo a proteção desse território.**

A gente está lutando para que o município reconheça esse projeto. Nós já temos na Câmara Municipal, em revisão, com alguns avanços, o Projeto de Lei do Cinturão Verde Guarani, que é praticamente o Programa Aldeias se tornando lei. Se ele se tornar lei, é uma garantia que o município sempre terá esse orçamento já previsto e uma

atenção para aquele projeto. E agora, do jeito que a gente tá, sempre tem que tá lembrando eles [as pessoas da prefeitura] desse compromisso e dessa responsabilidade. Então, esse reconhecimento dentro do Legislativo, que torna o Programa Aldeias uma lei, e depois no Executivo, para fazer acontecer, ele traz essa perspectiva futura, porque a gente está numa reflexão de pensar o futuro, daqui a quatro, cinco anos. E pensando mais longe ainda eu acho que é fundamental esse apoio que a secretaria já está fazendo. Hoje, a gente é só grato por esses apoios que vieram com muita luta. A secretaria não veio e falou “vocês querem isso?”, a gente teve que brigar para conseguir minimamente esses apoios. E eu acho que resultado está aí. É o que nos motiva e o que nos faz também sempre respirar e falar que estamos no caminho certo.

— Karai Tiago, aldeia Kalipety, TI Tenondé Porã



FICHA TÉCNICA

EQUIPE LIVRO

Depoimentos **Karai Tiago, Jera Guarani, Rete Geni, Wera Michel, Kerexu Honório, Jurandir Martim, Maria Ara Poty, Laura Arayvotu, Márcio Wera Mirim, Poty, Richard Wera Mirim**

Organização **Vinicius Toro**

Revisão textual **Clara Romam**

Imagens **Ana Paula Gonçalves, Luiza Calagian, Pedro Biava, Vinicius Toro**

Projeto gráfico **Bruna Keese, Felipe Carnevalli, Paula Lobato**

EQUIPE PROGRAMA ALDEIAS

Coordenação **Sinara Gomes**

Assessoria **Hugo Salustiano, Viliane Pinheiro e Rita de Cássia**

Coordenação Programa Guarani **Eliza Castilla, Marcelo Hotimsky**

Administrativo **Daiane Guariente**

Realização **Centro de Trabalho Indigenista, Terra Indígena Jaraguá, Terra Indígena Tenondé Porã, Secretaria municipal de Cultura de São Paulo**



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nhandekuary São Paulo Pygua / [organização Vinicius Toro;
coordenação Sinara Gomes]. --
São Paulo: Centro de Trabalho Indigenista, 2025.

ISBN 978-85-60028-25-2

1. Fotografias 2. Povos indígenas (Guarani) - História 3.
Povos indígenas (Guarani) - Identidade étnica 4. Povos
indígenas (Guarani) - Usos e costumes 5. Programa Aldeias
- História I. Toro, Vinicius. II. Gomes, Sinara.

25-272693

CDD-306.089

Índices para catálogo sistemático:

1. Terras indígenas: Gestão territorial e ambiental: Povos
indígenas: Sociologia

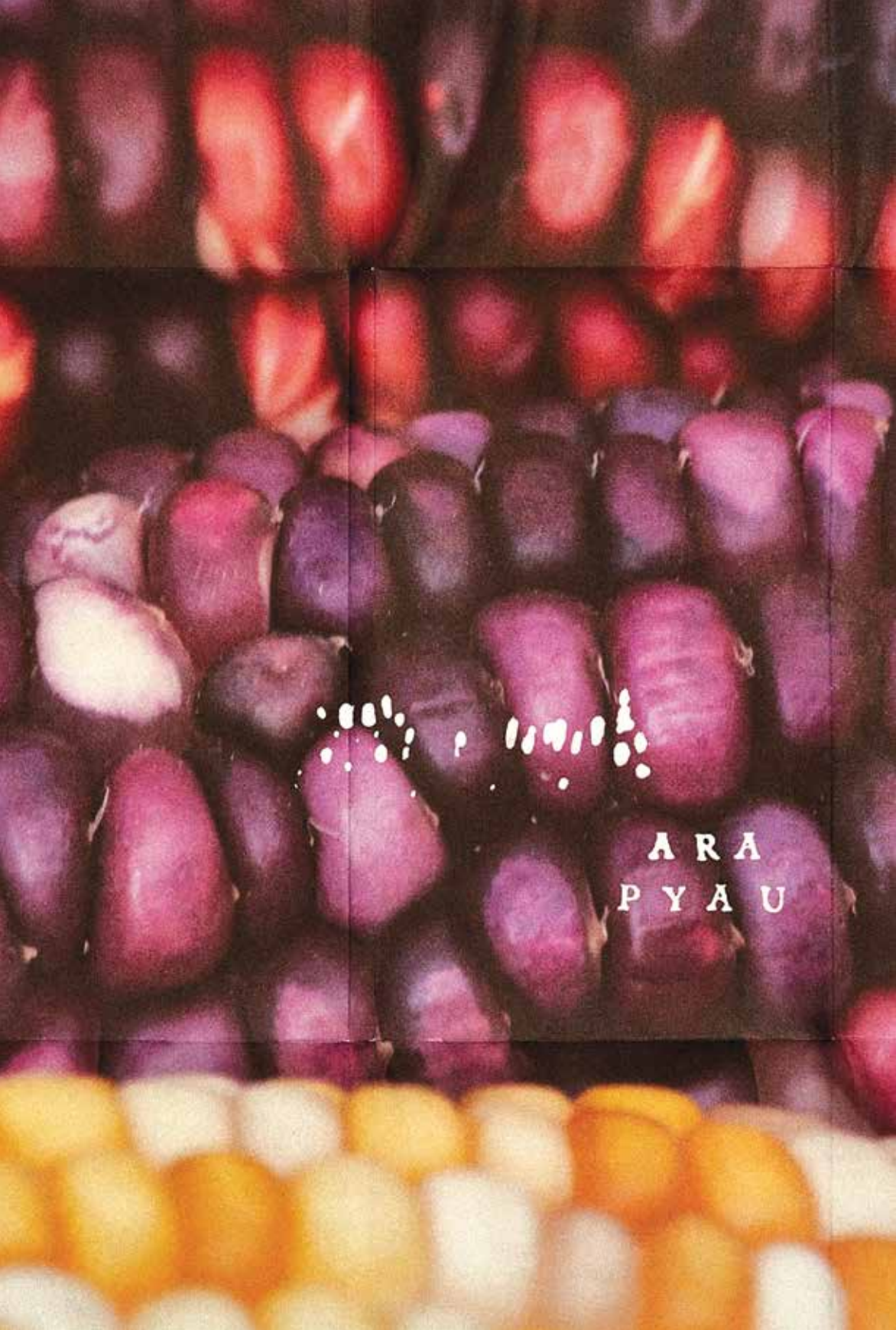
306.089

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

fonte **Sora**
papel **Polen Bold**
tiragem **500 exemplares**
impressão **Formato**







Como os Guarani estão usando seu Território do São Paulo

INSTITUTO NACIONAL DE RECURSOS AMBIENTAIS

O encantador de abelhas

As abelhas são animais muito importantes para a natureza, pois são responsáveis por polinizar muitas das plantas que produzem alimentos para os seres humanos. No entanto, devido ao uso excessivo de pesticidas e à destruição dos habitats naturais, o número de abelhas tem diminuído drasticamente. É importante que nós, seres humanos, tomemos medidas para proteger essas pequenas, mas tão importantes, criaturas.

RECEITA DE EXPOZIMPRELCO

1. Corte as folhas de alho em pedacinhos pequenos.
2. Coloque as folhas de alho em um recipiente e adicione um pouco de óleo.
3. Misture bem e deixe descansar por algumas horas.
4. Use o óleo para tratar a pele ou para fazer uma compressa.

O ditino grande do São Paulo

O ditino grande do São Paulo é uma espécie de ave muito comum na região. Ela é conhecida por sua grande capacidade de voar e por sua habilidade de se adaptar a diferentes ambientes. Esta espécie é considerada uma das mais importantes para a manutenção do equilíbrio ecológico da região.

PROTEÇÃO DE RECURSOS AMBIENTAIS

Este projeto tem como objetivo proteger os recursos ambientais da região e promover o desenvolvimento sustentável. Para isso, serão realizadas várias atividades, incluindo a criação de áreas protegidas, a implementação de programas de educação ambiental e a promoção de práticas sustentáveis.

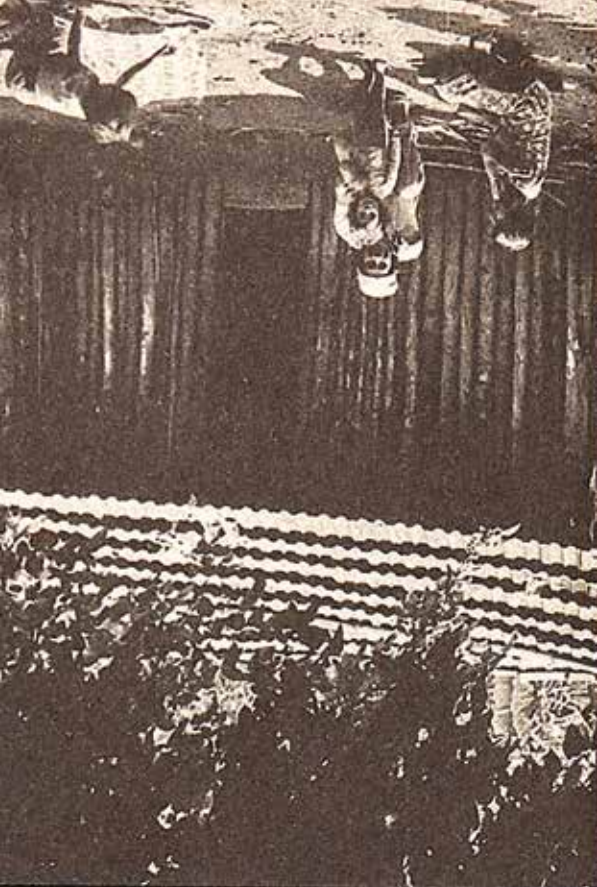
UNO E FERRAGEM DO AGUA

Este projeto visa melhorar a qualidade da água e promover o uso sustentável dos recursos hídricos. Para isso, serão implementadas várias medidas, como a construção de barragens, a criação de áreas de proteção ambiental e a promoção de práticas sustentáveis.

PROTEÇÃO DE RECURSOS AMBIENTAIS

Este projeto tem como objetivo proteger os recursos ambientais da região e promover o desenvolvimento sustentável. Para isso, serão realizadas várias atividades, incluindo a criação de áreas protegidas, a implementação de programas de educação ambiental e a promoção de práticas sustentáveis.





PARA SABER MAIS sobre os
Guarani, o Programa Aldeias e a demarcação
das terras indígenas confira nos links:

<https://www.facebook.com/ProgramaAldeias>

<https://www.facebook.com/yvyrupa>

<https://www.yvyrupa.org.br/videos>

NHANDE KUERY SÃO PAULO PYGUA
Centro Cultural São Paulo
de março de 2015

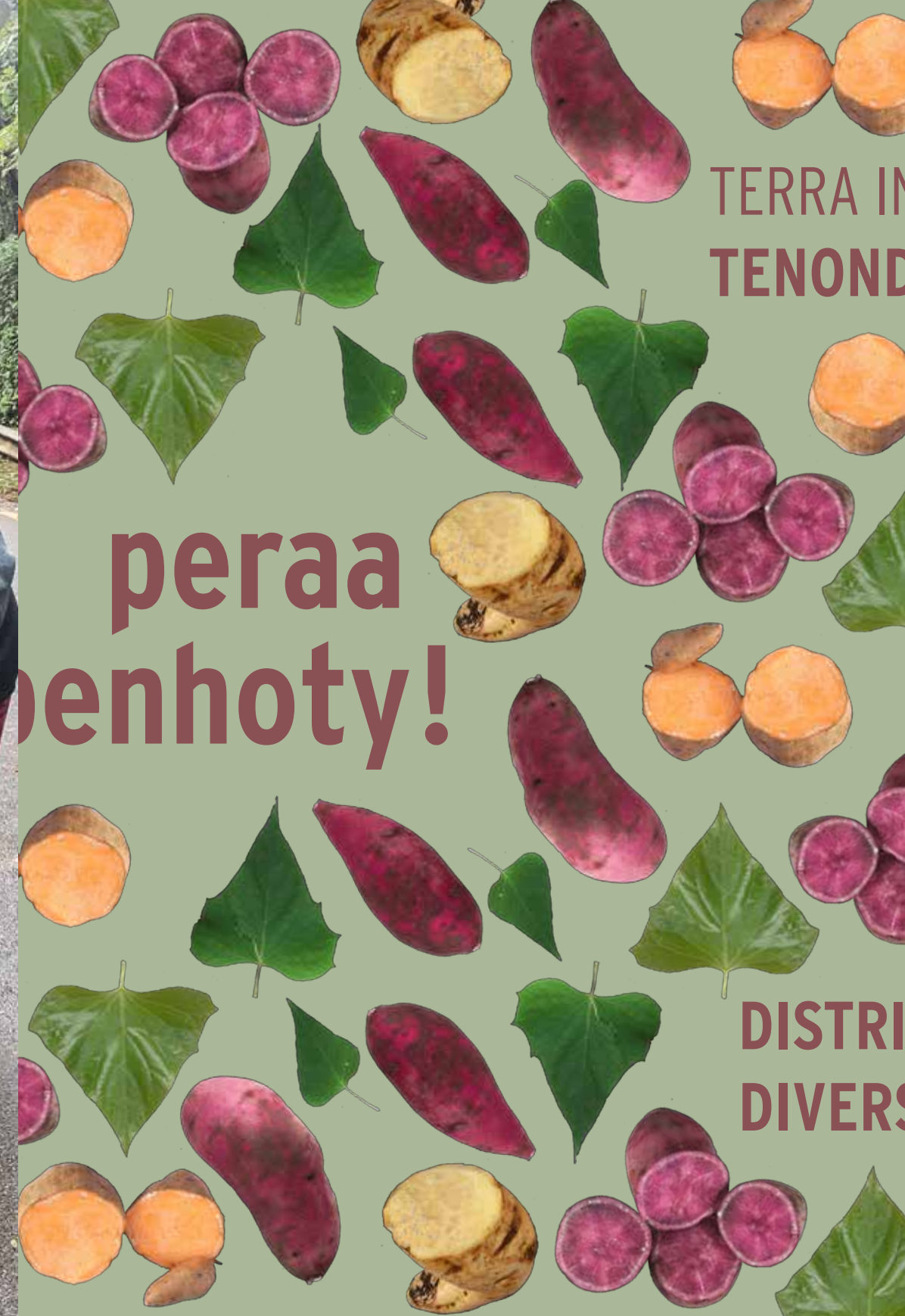
zação:

maior cidade do continente vivem
se três mil índios Guarani Mbaya.
s falam sua língua nativa e passam
as as noites nas *Opys* (Casa de reza)
tando, dançando e realizando seus
ais de cura. Apesar de viverem em
as ainda muito pequenas e próximas
centros urbanos, **OS GUARANI**
SÃO PAULO seguem forte com
modo de vida tradicional e sua luta
tica pelo território.
Exposição *Nhande Kuery* São Paulo
ua, do Programa Aldeias, vem trazer
a o centro da cidade um pouco do
a dia dessas aldeias, mostrando
índios não existem só no Xingu ou
Amazônia, mas vivem aqui mesmo,
São Paulo, lutando para que suas
as tradicionais sejam reconhecidas

NHANDE KUERY SÃO PAULO PYGUA OS GUARANI CIDADE DE SÃO PAULO

um ano de Programa Aldeia
terras Guarani Mbaya do mun

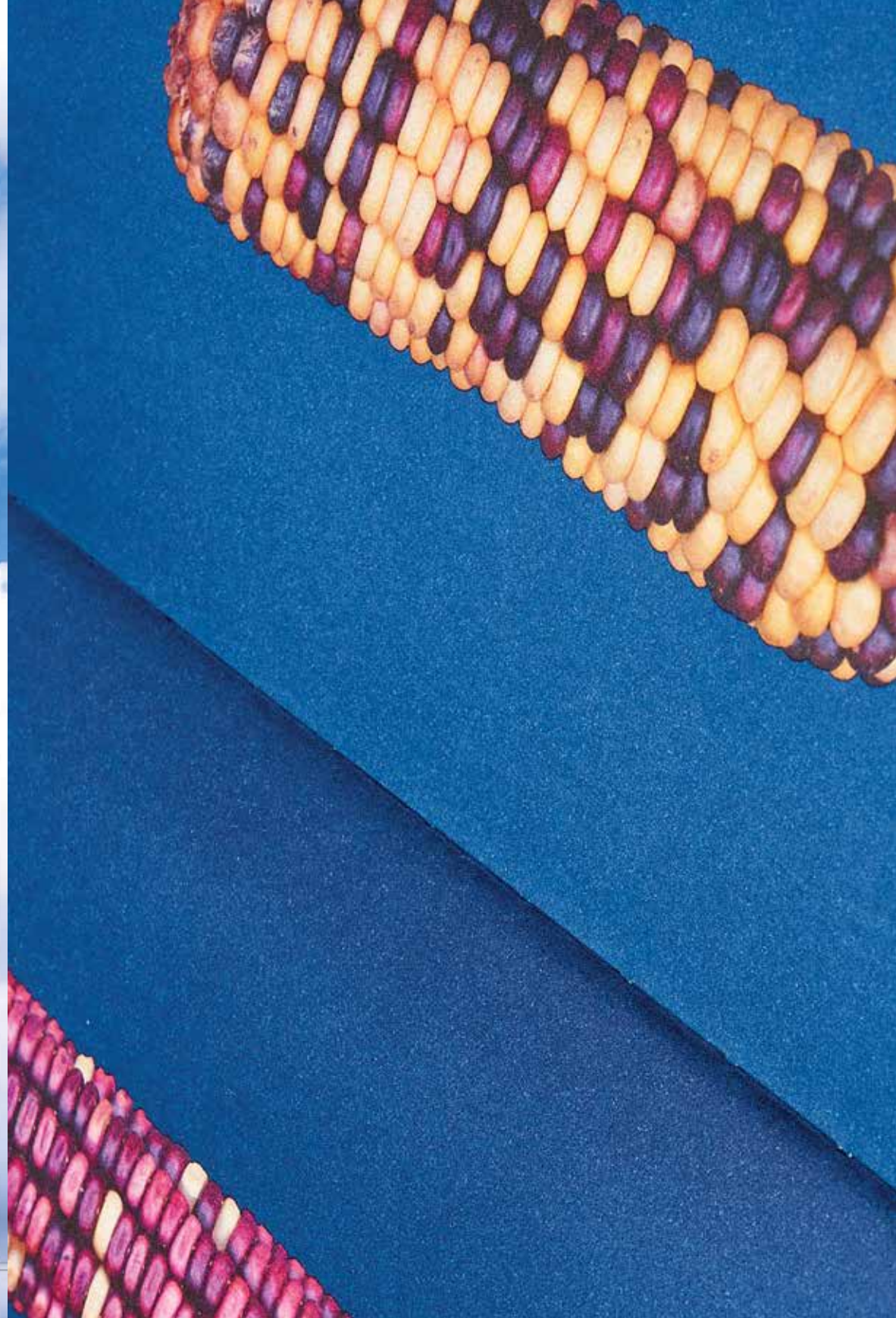




TERRA IN
TENOND

peraa
enhoty!

DISTRI
DIVERS



—
vida
Ning
aqui
vida
Itakupe,





**10 ANOS DE
PROGRAMA
ALDEIAS GUARANI**

